

Ever since the Bronze Age, relationships between the West and the Mediterranean have been intense, with far-reaching impacts on the organisation of societies.

One of the oldest and most significant testimonies of these relationships and their effects is the adoption of writing during the first Iron Age of the southwest of the Iberian Peninsula, from the 7<sup>th</sup> century BCE. This adoption takes place in the context of a general phenomenon of urbanisation of those communities, from which the towns and cities of this part of the world were born.

In the Peninsular Southwest, around the mythical city of *Tartessos* and through the region's contacts with the Phoenicians, funerary epigraphy, the oldest known writing of the West, gains special relevance.

The funerary stele from Abóbada, Almodôvar (from the Arabic *almuda'ûir*), is a good example of these manifestations, with the inscription surrounding the representation of a man, dressed in the style of the Iberian warriors depicted, for example, on ceramics from Llíria (Valencia).

The continuation of these contacts brought to the Iberian Peninsula a continual flow of imports, particularly of Greek ceramics, which reached a peak during the 4<sup>th</sup> century BCE. A significant group of these ceramics was found in the necropolis of Olival do Senhor dos Mártires, close to Alcácer do Sal — the ancient *Bevipo*, the Roman *Salacia*, the Muslim *al-Qasr* — showing the efforts those communities made in the social representation of their most eminent members, not only through epigraphy, but also in the care given to the sumptuous grave goods that accompanied the deceased. The scene depicted, an agonistic sacrifice made by young ephebes, would also have appealed to an aristocratic sector of society that imported this and other vases.

Contacts with the Mediterranean were continuous for more than a millennium, mainly with the integration of Lusitania into the Roman Empire, of which it was the westernmost of the provinces, situated at the limits of the known world. But the distance was never an insurmountable obstacle, as it continued not to be the case in the period of Muslim expansion.

The people of the West did not lose their taste for representations, as attested by the "Vaso de Tavira", whose impressive plastic decoration (fourteen figures, of which twelve have survived) seems to allude to a nuptial abduction, where there are depicted warriors, musicians (playing drum and *adufe*) and various animals, including doves on a tower. The vase, by the context and its technical characteristics, is a late-11<sup>th</sup> / early-12<sup>th</sup> century production, made at some point after the town of *Tabira* had gained prominence within the organisation of the region under caliphal rule and the, posterior, *taifa* (independent Muslim principality) of *Shantamariyya al-Gharb* / *Santa Maria do Ocidente* [Saint Mary of the West], name by which the present-day Faro was known at the time.

Another important town of *Gharb al-Andalus* was *Mártulah* (Mértola), that also has roots dating back to the Iron Age, which, after the disintegration of Almoravid dominion (in the mid-12<sup>th</sup> century), became autonomous under the authority of Tashfin al-Lamtuni. This century marked the peak and greatest spread of glazed ceramics using the "total *cuerda secca*" technique (an expression referring to the method of isolating the glazed areas of the different colours). One of the achievements of this technique, in addition to the very common representation of animals and floral motifs, is the inscription of *baraka* (blessing), where ceramicists made the most of the graphic potential of Arabic script, using the word, which is represented by the three consonants, as a motif that is simultaneously decorative and religious.

Virgílio Hipólito Correia

## Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / Issue  
2022 / 07 / 11Selos / stamps  
C0,74 – 75 000  
C1,05 – 75 000Ilustrações / Illustrations  
Luís TaklimCréditos / credits  
Selos / stamps

**C0,74** Tigela com decoração epigráfica em corda seca total (M.MTL.000220), séc. XII; cerâmica; 25 (diâm. boca) x 10,3 (diâm. base) x 8 cm. Coleção / collection: Museu de Mértola – Arte Islâmica

**C1,05** Kráter-de-sino de estilo ditico de figuras vermelhas (11257), autor: Grupo de Viena 1025, 400 a.C. – 375 a.C. / II.ª Idade do Ferro; xisto gravado; 90 x 60 x 8 (em média) cm. Coleção / collection: Museu Rainha Dona Leonor / Direção Regional de Cultura do Alentejo

**C1,05** Kráter-de-sino de estilo ditico de figuras vermelhas (11257), autor: Grupo de Viena 1025, 400 a.C. – 375 a.C. / II.ª Idade do Ferro; cerâmica; 35,8 (diâm.) x 37,5 cm. Coleção / collection: Museu Nacional de Arqueologia

Vaso de Tavira (M00000315), finais do séc. XI – inícios do séc. XII; cerâmica; 42 (diâm.) x 36 cm. Coleção / collection: Museu Municipal de Tavira – Núcleo Museológico Islâmico.

Tradução / translation  
Kenniss Translations

Agradecimentos / acknowledgements

Direção-Geral do Património Cultural /  
Arquivo de Documentação Fotográfica  
Museu de Mértola  
Museu Municipal de Tavira  
Museu Nacional de Arqueologia  
Museu Rainha Dona Leonor / Direção Regional  
de Cultura do Alentejo  
Rui Parreira  
Virgílio Lopes

Papel / paper – FSC.110 g/m2

Formato / size

Selos / stamps: 30,6 x 80 mm

Picotagem / perforation

12 x 12<sup>1/4</sup> e Cruz de Cristo / and Cross of Christ

Impressão / printing – offset

Impressor / printer – bpost Philately &amp; Stamps Printing

Folhas / sheets – Com 20 ex. / with 20 copies

Sobrescrito de 1.º dia / FDC

C6 – C0,56

Pagela / brochure

C0,85

Obliterações do 1.º dia em

First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores  
Praça dos Restauradores, n.º 58  
1250-998 LISBOA

Loja CTT Palácio dos Correios  
Praça da Trindade, n.º 32  
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco  
Av. Zarco, n.º 9  
9000-999 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental  
Rua Agostinho Pacheco, n.º 16  
9500-998 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to

FILATELIA

Rua João Saraiva, n.º 9  
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors

filatelia@ctt.pt

www.ctt.pt

www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.  
Slightly differences may occur in the final product.

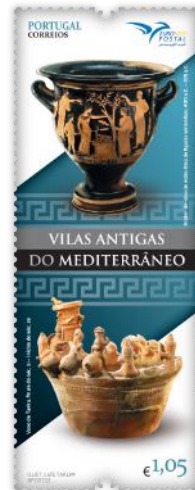
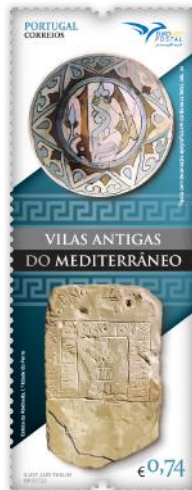
Design: MAD Activities  
Impressão / printing: Grafsoft



# VILAS ANTIGAS DO MEDITERRÂNEO



## VILAS ANTIGAS DO MEDITERRÂNEO



Desde a Idade do Bronze, as relações do Ocidente com o Mediterrâneo são intensas e têm efeitos muito profundos na organização das sociedades. Um dos mais antigos e importantes testemunhos dessas relações e dos seus efeitos é a adoção da escrita na I.ª Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica, a partir do século VII a.C. Essa adoção acontece no contexto de um fenómeno geral de urbanização daquelas comunidades, de onde nasceram as vilas e cidades desta parte do Mundo.

No Sudoeste Peninsular, à volta da mítica *Tartessos* e dos contactos da região com os fenícios, ganha especial relevância a epigrafia funerária, a mais antiga escrita do Ocidente que se conhece.

A estela funerária da Abóbada, Almodôvar (do árabe *almudaiúr*), é um bom exemplo dessas manifestações, com a inscrição rodeando a representação de um homem, vestido à maneira dos guerreiros ibéricos representados, por exemplo, nas cerâmicas de Liria (Valência).

A continuação desses contactos trouxe à Península Ibérica um fluxo contínuo de importações, designadamente de cerâmica grega, que apresenta um máximo de importações no século IV a.C. Um importante conjunto destas cerâmicas foi encontrado na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, junto a Alcácer do Sal – a antiga *Bevipo*, a *Salacia* dos romanos, a muçulmana *al-Qasr* –, mostrando o esforço daquelas comunidades na representação social dos seus membros mais eminentes, não só através da epigrafia, mas também no cuidado posto nos espólios funerários sumptuosos que acompanhavam os defuntos. A cena representada, um sacrifício agonístico feito por jovens efebos, apelaria também a um sector aristocrático da sociedade que importou este e outros vasos.

Os contactos com o Mediterrâneo foram contínuos ao longo de mais de um milénio, mormente com a integração da Lusitânia no Império Romano, de que era a mais ocidental das províncias, situada nos

limites do mundo conhecido. Mas a distância não foi nunca um obstáculo insuperável, como continuou a não o ser no período da expansão muçulmana.

As populações do Ocidente não perderam o gosto pelas representações, como testemunha o «Vaso de Tavira», cuja impressionante decoração plástica (catorze figuras, de que sobrevivem doze) parece aludir a um rapto nupcial, onde estão presentes guerreiros, músicos (tocando tambor e adufe) e vários animais, incluindo pombas sobre uma torre. O vaso, pelo contexto e pelas suas características técnicas, é uma produção de finais do século XI / inícios do século XII, já depois da vila de *Tabira* ter vindo a ganhar relevo dentro da organização da região sob o domínio califal e da, posterior, *taifa* de *Xantamaria al-Gharb* / *Santa Maria do Ocidente* (atual Faro).

Outra importante vila do *Gharb al-Andalus* foi *Mārtulah* (Mértola), também ela com raízes na Idade do Ferro, que, depois da desagregação do domínio Almorávida (em meados do século XII), se autonomizou sob o poder de Tashfin al-Lamtuni. Datam deste século o auge e a maior difusão das cerâmicas vidradas com a técnica da «corda seca total» (expressão que se refere à forma de isolar as zonas de vidro das distintas cores).

Uma das realizações desta técnica, para além da muito comum representação de animais e de motivos florais, é a inscrição *baraka* (bênção), onde os ceramistas aproveitaram o potencial gráfico da escrita árabe, usando a palavra, que se representa pelas três consoantes, como motivo simultaneamente decorativo e religioso.

Virgílio Hipólito Correia